

A produção de conhecimento em nome dos bons encontros

The knowledge production in the name of good encounter

Leonardo Pinto de Almeida, Helena Águeda Marujo, Luis Miguel Neto

"If you get down and quarrel everyday
You're saying prayers to the devil, I say
Why not help another on the way
Make it much easier
Say you just can't live that negative way
You know what I mean
Make way for the positive day"
Bob Marley

Sou sempre tomado pela efusão quando um número novo da ECOS é publicado. Publicar, divulgar artigos científicos é o nosso modo de contribuir que o pensamento retome o movimento a que ele é destinado.

Como já apresentado em editoriais anteriores, um de nossos objetivos principais é tomar uma questão como instância problemática e conseguir posicionar tal questão com as contribuições de professores e pesquisadores confluente com o tema.

Seguindo esta inspiração fundamental, convidei Helena Águeda Marujo e Luis Miguel Neto, ambos professores da Universidade de Lisboa, a nos ajudar na construção de um dossiê sobre a Psicologia Positiva. Eles aceitaram e fizeram um lindo trabalho na elaboração de um ótimo dossiê sobre sua perspectiva teórica.

Dossiês como este me enchem de alegria pela capacidade de esclarecimento de uma questão. A função desses dossiês é somente o de trazer à luz uma questão, posicionar o pensamento diante de um esclarecimento que recupera seu movimento constitutivo.

Como de praxe, este número, além do dossiê, apresenta uma sessão de temas variados, caracterizado pelo fluxo contínuo, e uma de resenhas.

No entanto, antes de seguir o fio condutor dos artigos externos ao dossiê, gostaria de convidar o leitor a um passeio, indicado por Helena Águeda Marujo e Luis Miguel Neto, pelas paragens da psicologia positiva em sua relação com a questão da felicidade pública.

Psicologia Positiva e Felicidade Pública

A Psicologia Positiva, entendida como o estudo científico do melhor dos seres humanos, em especial da sua virtuosidade e daquilo que faz com que as suas vidas valham a pena ser vividas, tem tido um papel

Leonardo Pinto de Almeida

Universidade Federal Fluminense

Professor Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor e Pós-doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editor da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

leonardo_almeida@id.uff.br

Helena Águeda Marujo

Universidade de Lisboa

Professora do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Doutora em Psicologia pela Universidade de Lisboa. Membro do Board of Directors da International Positive Psychology Association. Representante Português na Rede Ibero-Americana de Psicologia Positiva. Membro da Comissão Científica da Associação Portuguesa de Estudos e Intervenção em Psicologia Positiva.

hmarujo@iscsp.utl.pt

Luis Miguel Neto

Universidade de Lisboa

Professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Doutor em Educação, especialidade de Terapia familiar, pela Universidade de Massachusetts, USA. Membro do Board of Directors da International Positive Psychology Association. Membro da Comissão Científica da Associação Portuguesa de Estudos e Intervenção em Psicologia Positiva.

lneto@iscsp.ulisboa.pt

progressivamente proeminente no aumento de uma visão crítica sobre as sociedades atuais, em particular das democracias liberais.

A partir dos dados que têm emergido dos estudos sobre felicidade, bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico, o caminho percorrido numa década e meia, iniciado com a avaliação e compreensão da experiência subjetiva positiva das pessoas, tem-se encaminhado progressivamente para perspectivas mais sociais e culturais mais macro, e para uma preocupação com o impacto social da ciência psicológica positiva. Esta tendência, feita muitas vezes em interdependência com o estudo de temas positivos em outras áreas das ciências sociais e humanas, tem vindo a permitir desenvolver uma consciência crítica sobre os princípios políticos, as múltiplas culturas, as políticas públicas, a economia capitalista, com a consequente desigualdade e injustiça, a qualidade de vida, ou a moral coletiva. Nessa evolução, que temos pretendido alimentar enquanto académicos, investigadores e interventores, sublinhamos a riqueza e inovação que tem emergido de trabalhos como os das emoções políticas e do papel do amor na justiça, como os da filósofa Marta Nussbaum (2013), dos estudos sobre bens relacionais e felicidade pública, como os do economista Luigino Bruni (2012), ou das análises da cultura, artes e humanidades, do filósofo James Paweski (2013), epifenómenos por vezes internos, outros adjacentes à psicologia positiva, sinais do interesse atual das ciências humanas em cultivar temas esperançados, e novas e híbridas relações conceituais e paradigmáticas.

Contrariando críticos ferozes, que consideram que estudar o positivo negligência ou esconde a vulnerabilidade e as dores humanas – assim provocando um entendimento superficial das pessoas e das suas circunstâncias, ou pior ainda, considerando que assim se defende uma *happylogia* humilhante, segregadora e acrítica – a perspectiva sublinhada neste dossiê é totalmente outra: de que o estudo do melhor, a par de nos iluminar o que nos faz frutificar como humanos, nos ajuda também a evidenciar o que não queremos, não podemos, não merecemos ter nas nossas vidas conjuntas, complexificando e enriquecendo um novo apontar de horizontes para decidir para onde caminhar como grupos humanos.

Em um retorno a Paulo Freire, aqui se argumenta que a Psicologia Positiva tem invadido as nossas práticas científicas da psicologia de forma libertadora – inovando nos focos e temas de estudo, em alguns métodos de investigação, nas audiências e participantes das investigações, na preocupação cultural e de amplitude de impactos, e na abertura a uma ciência além-fronteiras – e assim sendo um claro instrumento de conscientização, ou de consciência ética, nas palavras de Kotzé (2012).

Acreditamos ainda que isso é especialmente visível em culturas como as latino-americanas e as ibéricas, onde a felicidade significa, etimologicamente, fertilidade, fecundidade, virtuosidade, bem diferente do sentido da palavra anglo-saxónica *Happiness*, que se centra no que acontece (*to happen*) e, portanto, assume a nossa vida de qualidade como mais dependente de externalidades e fora do nosso alcance e controlo. A ciência como consciência, na visão de Edgar Morin, é uma “ciência de crescimento”, e não de “segurança”, como referia Abraham Maslow (1979, p. 113).

Para os coordenadores deste dossiê, a escolha dos temas, dos autores e sua origem geográfica, e as opções relativas à investigação científica e às práticas empíricas associadas, fez-se suportada em uma intencionalidade: a da transcendência do individual, rumo a um aumento de perspectivas críticas e a um compromisso participativo e socialmente interventivo, através de uma discussão aberta e viva sobre perspectivas ontológicas, de cidadania, democracia, moral, justiça, economia, história e políticas públicas.

Os oito artigos aqui integrados, sendo focados em tópicos positivos, contrariam por isso as perspectivas mais comuns e anglo-saxónicas de

felicidade e bem-estar, tantas vezes focadas no indivíduo isolado, no prazer hedônico e nas emoções momentâneas, descontextualizando as pessoas, e o seu sentir e viver, das relações sociais e do entorno cultural e histórico. Trazem-nos antes, em complemento, olhares múltiplos e alternativos, da América latina e de países europeus com raízes latinas, que transcendem o paradigma do solipsismo e do intrapsiquismo, tão marcantes e presentes na psicologia *business-as-usual*, e partem antes para propostas relacionais, e para entendimentos coletivos da felicidade, isto é, para uma felicidade pública, não instrumental, e de virtuosidade comungada.

Este dossiê conta assim com a colaboração do admirável economista italiano Luigno Bruni, investigador na área da Economia Civil e dos Bens Relacionais, com o artigo inaugural sobre *Relational Goods*, o qual dá o mote a todos os artigos que se seguem, ao trazer para dentro dos estudos da felicidade um novo olhar econômico interessado na reciprocidade e na virtuosidade, que acontecem quando estamos em relação – esse bem tão frágil, mas tão vital.

Daí, partimos para a contribuição dos psicólogos Helena Águeda Marujo e Luis Miguel Neto de Portugal sobre a *Emergência, desenvolvimento e desafios da psicologia positiva*, num voo de pássaro sobre o passado, o presente e o futuro desejado para esta subdisciplina, propondo que os estudos dos aspectos subjetivos sejam agora complementados por investigações relativas a questões com impacto social, como a justiça e a equidade, e consequentes mudanças pensadas em termos do coletivo.

Em seguida mergulhamos na perspectiva empírica envolvente do economista Mariano Rojas do México, que nos enriquece com um estudo quantitativo envolvendo 18 países latino-americanos, em busca da relação entre estado afetivo e posição social dada pelo estatuto econômico. O texto, intitulado *Estatus económico y situación afectiva en América Latina*, confirma a força desta relação, ainda que ela muda ao longo do *life-span*, mas sobretudo dá conta da incontornável relevância da imersão social e das relações com os outros.

Segue-se a visão conhecedora de Alejandro Castro Solano e de Graciela Tonon da Argentina, que nos expõem a sua visão sobre *Naciones Felices: Más allá del dinero*, abordando o tema do bem-estar das nações e as características de uma sociedade feliz, com propostas consequentes quanto formas de medir a qualidade de vida e os impactos subsequentes nas políticas públicas.

Catarina Rivero, Alexandra Veiga d'Araújo e Helena Águeda Marujo de Portugal emergem em seguida com uma reflexão sobre a integração entre a Psicologia Positiva, a Economia Civil e a Psicologia Moral, no artigo *Moral e Felicidade: Possibilidades para uma Sociedade Equifeliz*. Se olharmos pela perspectiva da moralidade, o que é uma sociedade feliz? Debruçam-se sobre aspectos da equidade e justiça, e deixam um leque de reflexões e questões para dar continuidade a estes novos e desafiadores temas.

Luis Miguel Neto e Helena Águeda Marujo retomam em seguida com uma visão histórica sobre o carácter nacional e os padrões portugueses de relação e comunicação, partindo do Terramoto de Lisboa de 1755 e de dois modelos teóricos que os analisam: o Inquérito Reflexivo e o Bem-estar Psicológico. O artigo intitula-se *Das consequências psicológicas do Terramoto de 1755 em Lisboa a uma abordagem psico-histórica positiva e integradora*, e refere o Quociente de Resiliência Nacional, trazendo exemplos de práticas interventivas promotoras de mudanças culturais, através da mudança das narrativas e do foco nos pontos de mudança.

Viajamos depois ao Chile, para com o psicólogo Claudio Ibañez percebermos o Florescimento dos cidadãos deste país. Ibañez apresenta-nos, em *Flourishing in Chile: how to increase well-being in the country?* uma forma de medir e promover a felicidade através do modelo PERMA. O uso

deste modelo introduz uma forma de medida e de ação mais complexa mas também mais completa, permitindo pensar abordagens para melhorias nacionais no bem-estar dos cidadãos.

Finalmente, Lilian R. Daset Carretto, do Uruguay, encerra o número com o texto *Proyecto de Vida: una propuesta terapéutica que se enmarca en la Psicología Positiva*, fechando um ciclo de movimento dinâmico e interdependente entre a pessoa e o seu contexto. O trabalho que apresenta, convidando a intervir com base na evidência científica, aborda o ser humano numa perspectiva holística, integrando-o no ambiente, no momento histórico-cultural, e nas experiências e recursos que possui, para construir o seu projeto de vida com sentido para si e para a comunidade em que se insere.

Dando continuidade ao movimento...

Depois dessa linda apresentação do dossiê *Psicologia Positiva e Felicidade Pública*, feita por Helena Águeda Marujo e Luís Miguel Neto, vislumbramos a continuação do presente número que disponibiliza ainda quatro artigos de temas diversos e uma resenha.

Continuando assim nosso olhar atento sobre o número, foquemos sobre os textos que compõem a sessão *Temáticas Diversas* e a de *Resenha*.

Na sessão *Temáticas Diversas*, encontram-se quatro artigos passando por reflexões sobre a linguagem, o trabalho, o cinema, a filosofia e a psicanálise.

O artigo *Construção e desconstrução da identidade feminina a partir de uma leitura de obras de autoajuda* da professora Gisele Mocci (Haya Del Bel) da Universidade Federal de Mato Grosso se debruça sobre questões relativas à linguagem. A autora analisa com propriedade a identidade feminina veiculada por obras de autoajuda, com o intuito de apresentar uma visão crítica sobre os paradigmas ligados à imagem da mulher consolidados na sociedade ocidental.

Em *O trabalho como matéria estrangeira na clínica: reflexões teóricas*, Joseane Tavares de Azeredo Silva e Helder Pordeus Muniz tomam como instância problemática o trabalho à luz da ergologia.

Em *A prática psicanalítica e a sua relação com a filosofia helenística*, João Gabriel Lima tece algumas reflexões sobre possíveis relações entre a Psicanálise, o estoicismo e o epicurismo pelo viés da problematização da verdade.

No artigo *A histeria e o cinema: mitos e verdades* de Gustavo Coura Guimaraes, doutorando em cinema e audiovisual pela Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, e Cassio Eduardo Soares Miranda, professor da Universidade Federal do Piauí, os autores nos convidam a um passeio sobre a história do cinema à luz de uma reflexão sobre a histeria. Esta reflexão tem como estopim de análise o documentário *Os Mestres Loucos*, de Jean Rouch, e as imagens registradas pelo serviço fotográfico de Salpêtrière, em Paris, catalogadas na obra de Georges Didi-Huberman.

Já na sessão resenha, está o texto *Visão em paralaxe da contemporaneidade pela Psicologia Social Crítica* de Mateus Pranzetti Paul Gruda. O autor se propõe a apresentar com clareza o livro *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo*, organizado por Aluísio Ferreira de Lima e publicado no ano de 2012.

Assim, chegamos ao fim deste belo número. Como podemos perceber, este número é fruto dos bons encontros suscitados pela vida acadêmica. Este número só foi possível graças à ajuda de Helena Águeda Marujo e Luis Miguel Neto, e a eles sou infimamente grato pelo coroamento do fim do ano

com uma sessão temática tão esclarecedora de uma perspectiva pouco desenvolvida em nosso país. Este dossiê talvez seja o mais conciso e claro feito até o momento por nossa revista. Espero que sua clareza seja exemplo para números futuros.

Além disso, temos os instigantes artigos da sessão *Temáticas Diversas* e a resenha do livro de Aluísio Lima. Com eles podemos observar aspectos teóricos fundamentais no seio dos estudos avançados da linguagem, da psicologia do trabalho, da psicologia social e da psicanálise.

Deste modo, termino a apresentação do presente número. Agora só me resta convidá-los a tomar a tessitura dos artigos, aqui expostos, para usufruírem da tão maravilhosa capacidade humana de produção de sentido.

Boa recepção!

Leonardo Pinto de Almeida

Referências bibliográficas

BRUNI, L. **Felicitàt Publicca**. Itália: **Avvenire Home Page**, 2012. <http://www.avvenire.it/Commenti/Pagine/Felicit%20virt%20economica.aspx>. Acesso em: 12 out. 2012.

KOTZÉ, E. Doing participatory ethics. In: KOTZÉ, D.; MYBURG, J.; ROUX, J. *et al.* (Orgs.). **Ethical ways of being**. Chagrin Falls: A Taos Institute Publication/WorldShare Books, 2012, p.12-34.

MASLOW, A. **The journals of A. H. Maslow**. Monterey: Brooks/Cole, 1979.

NUSSBAUM, M. **Political Emotions: Why Love Matters for Justice**. Harvard: Harvard University Press, 2013.

PAWELSKI, J. O.; MOORES, D. J. **The eudaimonic turn: Well-being in literary studies**. Lanham: Fairleigh Dickinson University Press, 2013.